

Simonsen sugere que empresas abram capital

Da sucursal do
RIO

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que foi empossado ontem, no Rio, na presidência do Comitê de Divulgação do Mercado de Capitais (Codimec), conclamou as empresas a abrirem seu capital, afirmando que uma verdadeira economia de mercado não se constrói apenas com empresas fechadas, e o "apego à tradição do controle familiar sempre leva o setor privado nacional a ceder espaço ao Estado e aos capitais estrangeiros".

Segundo o ex-ministro, abrir capital é um processo que exige dos controladores da empresa alto grau de maturidade e autodisciplina.

"Não se trata — disse — de buscar sócios para apagar incêndios nas horas de dificuldades financeiras, mas de permitir que a empresa alcance a sua maioridade pela transformação qualitativa e quantitativa da sua estrutura de capital e da sua administração". E acrescentou: "Os primeiros passos da abertura podem até ser onerosos para a empresa, mas raros são os casos das empresas que, posteriormente, se arrependem de ter aberto seu capital".

Simonsen afirmou que nenhum país se desenvolve sem uma ampla base de poupanças internas, pessoais, empresariais e governamentais, e que a poupança externa constitui um complemento importante, mas a base há de se assentar no esforço interno de financiamento da formação de capital. Acrescentou que a acumulação de poupanças depende fundamentalmente da orientação da política econômica e de

seus instrumentos de ação. "Juros reais negativos — frisou — corroem a poupança pessoal. Controles de preços, que reduzem à míngua os lucros, matam a poupança das empresas, excesso de gastos correntes em relação à receita tributária, em custeio, subsídios e transferências liquidam a poupança governamental. O desenvolvimento econômico requer, assim, um conjunto de instrumentos de política capaz de sustentar alta relação entre poupança interna e Produto Nacional Bruto."

"Mas poupar não é o bastante — concluiu —, é preciso que a sociedade disponha de instrumentos capazes para canalizar os recursos dos que pouparam,



"Processo exige maturidade"

para os que investem em novos projetos de expansão da capacidade produtiva. Esse é o papel do mercado de capitais, cujo objetivo central é extrair da poupança o máximo de produtividade para o desenvolvimento econômico e social".

FANTASIA

O presidente do Codimec e da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Fernando Nabuco, afirmou que é impossível crescer e melhorar os padrões de vida do povo brasileiro sem adequar o nível de poupança com o investimento requerido. Segundo ele, constitui-se em "fantasia condenada ao malogro a tentativa de contornar o mercado de valores mobiliários, especialmente o mercado acionário e a abertura do capital das empresas, quando se tem por objetivo criar condições de estabilidade e crescimento ordenado sem as dificuldades inflacionárias e os pontos de estrangulamento econômico".

Disse ainda Nabuco que "faz parte da lenda que a curto e médio prazos os juros superarão os resultados e lucros das empresas", e acrescentou: "É errado pensar que se pode crescer exclusivamente na avalanche do débito, sem a adesão aos esforços de expansão das empresas brasileiras e participação, nos seus resultados, das poupanças voluntárias e compulsórias dos investidores individuais e institucionais. Retorno e risco são binômio central de um capitalismo pujante e de uma economia de mercado. Escala produtiva e dimensão tecnológica estão acopladas a empresas fortes e eficiência dos recursos humanos.